
EDITORIAL

Notas na abertura
de uma revista:
Para uma
Ciência das Religiões

Notas na abertura de uma revista: para uma Ciência das Religiões

*As fronteiras
universitárias
serão um objecto
a contornar e a abater,
procurando construir
uma Ciência das Religiões
que não se encerre
no espaço académico,
mas se abra
aos desafios actuais
da cidadania.*

Alfredo Teixeira

Paulo Mendes Pinto

*Universidade Lusófona
de Humanidades
e Tecnologias*

A *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* é uma publicação científica que tem como objectivo prioritário a edição de trabalhos de investigação no domínio da Ciência das Religiões.

A este objectivo primeiro, deve juntar-se a vontade de contribuir para a formação, em Portugal, de uma comunidade científica neste domínio. Tendo em conta que este campo científico se tem esboçado, no nosso país, na figura de esforços fragmentados, com uma débil inscrição institucional, esta publicação assume com clareza a vontade de contribuir para a construção de um espaço onde investigadores, bem como outros actores sociais que experimentam a importância actual do estudo científico do fenómeno religioso, se possam reconhecer.

É sabido que Max Müller usou, no século XIX, o termo *Religionswissenschaft* na sua obra sobre *mitologia comparada*. Como é também conhecido que boa parte das grandes universidades europeias e americanas, a partir de finais do século passado, desenvolveram esta área de estudos sob a designação de Ciência da Religião, ou expressões afins - não ignoramos, no entanto, que os campos semânticos de expressões como *Religionswissenschaft*, *Sciences Religieuses* ou *Studies in Religion*, não são totalmente coincidentes, pois estão marcados pela diversidade histórica das nações e das instituições em que se desenvolveram, pelos contextos confessionais que as envolveram socialmente e pelas tradições de investigação no âmbito dos fenómenos sociais em cada espaço de afirmação científica - a *Religionswissenschaft* surgia claramente num quadro de

rejeição da acepção iluminista do saber, flanqueado e validado por um largo grupo de conhecimentos que nessa Ciência da Religião tinham um observatório válido e supostamente eficaz para a análise científica das religiões.

De facto, nos finais do século XIX o modelo positivista vigente era posto em causa. À disciplina inglesa e francesa sobrepunha-se a alemã; isto é, a uma tradição cultural impregnada de empirismo e iluminismo e herdeira do programa que David Hume sintetizou tão bem na expressão «Estudo da Natureza Humana», impunha-se a *Religionswissenschaft*, cuja componente vocabular *Wissenschaft* é claramente descendente da noção de ciência leibniziana e filha das *Geisteswissenschaft*, as «Ciências do Espírito» fundadas por Dilthey, em oposição aos modelos das «Ciências da Natureza».

O confronto epistemológico então montado centrava-se no binómio *explicar/ compreender* a religião. A estas formas de caracterizar a disciplina correspondem duas relações totalmente diferentes com as restantes ciências e com a própria concepção de ciência. No primeiro caso, estamos perante a linha científica herdeira da tradição iluminista e positivista que tem como modelo as Ciências Naturais, onde a explicação é o objectivo da construção do saber; no segundo caso, é a tradição científica alemã a marcar a forma de concepção da própria disciplina, possibilitando um espaço próprio para os fenómenos espirituais demarcados dos fenómenos naturais. Segundo uma célebre afirmação de Rudolf Otto, «a religião começa por si mesma».

De facto, esta área de estudos tem oscilado entre a vontade de encontrar uma coerência, frequentemente só possível por meio da entronização de uma tradição de investigação com valor paradigmático, e o desígnio assumido de não ultrapassar a sua diversidade interna. As dificuldades advêm quer da incontornável pluralidade metodológica, quer das resistências experimentadas pelas operações de delimitação do objecto. Não se deve esquecer que, durante o século XX, se adensou significativamente a problemática da definição da religião como objecto de estudo científico.

As hesitações quanto à designação da disciplina são o testemunho mais claro dessas oscilações. A preferência por *Ciência da Religião* denuncia a vontade de designar um saber unitário, sistemático que, indo mais além que os saberes particulares possíveis neste campo do conhecimento, pretende comparar os resultados dos mesmos e submetê-los a uma determinada unidade. Esta denominação pressupõe, assim, que a evidente pluralidade de manifestações se deixa reduzir a uma unidade, a uma essência, acessível por meio deste âmbito do saber. O sintagma *Ciências da Religião*: sublinha, por seu lado, a pluralidade de acessos ao objecto. Digamos que, neste caso, é destacada a identidade do objecto que reúne à volta de si âmbitos disciplinares diversos que encontram no objecto a sua polaridade unificadora. A expressão *Ciências das Religiões* é a menos empenhada em perseguir uma unidade disciplinar, colocando em evidência quer a pluralidade dos saberes, quer a multiplicidade dos fenómenos que se designam de religiosos.

É claro que as políticas de nomeação não resolvem os problemas epistemológicos, mas denunciam um programa. A nossa opção por *Ciência das Religiões* pretende pôr em destaque a incontornável pluralidade do objecto. Em lugar da procura genealógica de linhas de influência teórica externas à realidade nacional, optámos pela radicalização da nomenclatura no centro do objecto da pesquisa. Designando o campo de estudo, objectivamente plural, com o singular ciência sinaliza-se, no entanto, a possibilidade de constituição de uma comunidade científica que se reconheça e seja reconhecida como tal.

Os critérios editoriais e as opções científicas da revista conduziram, pois, a uma escolha: *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*. Mas com esta política de nomeação não se pretende resolver o problema da disciplina e das suas fronteiras. A Ciência das Religiões que esta revista quer divulgar, segundo critérios de cientificidade e de relevância social, não pretende reduzir-se a um comparativismo estrito que circunscreva a pluralidade do religioso a um conjunto de estruturas universalizantes, por meio de uma ciência unitária do religioso, incapaz no entanto de constituir uma hermenêutica aberta à inteligibilidade própria das várias texturas do religioso. Não se pretende, também, traçar uma fronteira que circunscreva a investigação do fenómeno religioso aos limites das religiões históricas e instituídas.

Com a designação Ciência das Religiões não se quer resolver essa tensão existente entre a observação da religião como sistema de crenças e a sua identificação como estrutura; não se aponta para qualquer tipo de sectarismo institucional ou alinhamento monoparadigmático; não se pretende iludir o carácter interdisciplinar intrínseco deste domínio científico. Enfim, não se persegue a resolução prévia de um debate que poderá vir a encontrar nas suas páginas mais esclarecimentos.

Materializando esta postura científica, este primeiro número apresenta um núcleo de textos que resultaram das «I Jornadas de Ciência das Religiões», textos estes que demonstram a interdisciplinaridade com que enquadrámos a disciplina Ciência das Religiões. As «imagens de *fim* e de *re-começo*» foi o mote para um desafio lançado a um grupo de personalidades oriundas de vários campos das Ciências Sociais e Humanas. Para além deste corpo central, o leitor poderá encontrar três outros estudos que pensamos muito interpelantes em relação à nossa própria actualidade. Publicamos ainda alguns textos que aproximam a revista de problemáticas fulcrais no momento presente: a laicidade do Estado e a questão da liberdade religiosa está representada por um conjunto de reflexões que abarcam um vasto leque de sensibilidades.

No momento de apresentação deste primeiro volume, surge-nos ainda como essencial desenhar uma evolução que se pretende rápida e profícua. Pretende-se que os próximos números possam já apresentar uma Comissão de Validação Científica (*referee*), passo essencial para a consolidação da área de estudo e para a própria publicação, tal como um Conselho de Redacção que se afirmará como a base social de apoio e de produção de materiais a publicar. Em ambos os casos, as fronteiras universitárias serão um objecto a contornar e a abater, procurando construir uma Ciência das Religiões que não se encerre no espaço académico, mas se abra aos desafios actuais da cidadania.